

Análise comparativa das representações sociais da velhice entre idosos de instituições geriátricas e grupos de convivência

Ludgleydson Fernandes de Araújo
Maria da Penha de Lima Coutinho
Ana Alayde Werba Saldanha
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

Este estudo investigou as representações sociais da velhice entre idosos de instituição de longa permanência (ILPI's) e de grupos de convivência (GCI's). Participaram 100 idosos destas instituições, de ambos os gêneros, com média de idade 65 anos. Utilizou-se o Teste de Associação Livre de Palavras com estímulos indutores: velhice (E1)-grupos da terceira idade/Abrigos de Idosos (E2)-família (E3), realizadas de forma individual no âmbito dos GCI's e ILPI's. Posteriormente, foi processado no software Tri-Deux-Mots através de análise fatorial de correspondência. Os dados apreendidos emergiram representações sociais da velhice pautada no sinônimo de doença, como também em uma auto-imagem negativa do seu processo de envelhecimento, sendo esta majoritária entre os idosos, sobretudo, das ILPI's. Sugere-se a necessidade de intervenções na prevenção e promoção em saúde desempenhando ações de forma positiva que contribuam para o envelhecimento ativo e bem-sucedido.

Palavras-chave: Velhice; representações sociais; grupos de convivência; instituições de longa permanência.

ABSTRACT

A comparative analysis of old age social representations among old people from geriatric institutions and gathering groups

This piece of work has analysed the old age social representations among old people from institutions of long permanence (ILPI's) and gathering groups (GCI's). A hundred old people from these institutions have taken part in it, men and women, the age average of 65 years. It has been used the Word Free Association Text with induction stimulus: old age (E1), old aged groups/shelters for old people (E2) e family (E3); it was made individually inside the GCI's and ILPI's. Later a factorial analysis of correspondence. The data collected showed old age social representation as a synonym of illness, as well as a negative image of themselves and the process of getting old, the majority of them from the ILPI's. It is suggested interventions to prevent and promote health, developing actions on a positive way, contributing to an active and successful ageing.

Key words: Old age; social representations; gathering groups; institutions of long permanence.

A velhice constitui um estudo recente no âmbito da Psicologia de um modo geral, e na Psicologia Social, em particular, no entanto, ao longo das últimas décadas têm crescido significativamente as pesquisas e intervenções junto a este grupo social, demonstrando a importância da compreensão deste objeto a partir da ótica biopsicossocial.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) durante a 2ª Assembléia Mundial para o Envelhecimento realizada em abril de 2002 na cidade de Madri/Espanha, aprovou o Plano Internacional da Ação

sobre o Envelhecimento (PIAE). Houve a participação de todos os países membros das Nações Unidas, sendo aprovado o documento a respeito do crescimento significativo da população idosa no mundo. Priorizaram-se as seguintes áreas no PIAE: 1. inserir o envelhecimento populacional na agenda do desenvolvimento; 2. a importância singular e global da saúde e 3. desenvolver políticas de meio-ambiente (tanto físico quanto social) que atendem às necessidades de indivíduos e sociais das pessoas que envelhecem.

Durante a 2ª Assembléia Mundial para o Envelhecimento lançou o documento *Envelhecimento Ativo: um marco para elaboração de políticas*, como forma complementar de algumas ações do PIAE. Este documento recomenda políticas públicas de saúde na área de envelhecimento que levem em consideração ao longo de toda a vida (*Life Span*), tendo como prisma às questões sociais, econômicas, culturais e históricas.

A velhice vem ocupando uma posição de destaque no *rol* das discussões científicas e governamentais, no sentido de oferecer aos idosos um envelhecimento ativo e bem-sucedido. Ainda segundo a OMS o processo de envelhecimento é um fenômeno que já é realidade nos países desenvolvidos, sobretudo, no continente europeu, e já se faz presente na inversão populacional dos países em desenvolvimento como o Brasil.

A Psicologia Social em particular nas últimas décadas tem desenvolvido microteorias contemplando a Velhice, de modo que tem contribuído ao lado da Psicologia da Personalidade no entendimento dos diversos fatores intrínsecos ao processo de envelhecimento, possibilitando com isso, intervenções psicossociais nesta fase do desenvolvimento humano (Neri, 2002).

Assim, estudar as representações sociais da velhice no contexto dos Grupos de convivências (GCI's) e Instituições de Longa Permanência (ILPI's) à luz desta teoria, necessariamente passa pela apreensão de um conhecimento compartilhado, viabilizado na interação entre o saber do senso comum e o saber científico. O que significa dizer que é necessário estudar essa questão voltado para a elaboração de um conhecimento prático e compartilhado, por um determinado grupo social, neste estudo os idosos, procurando entender as formas como eles utilizam para elaborar, transformar e interpretar as questões relacionadas à velhice.

Destaca-se a teoria das Representações Sociais enquanto conhecimento compartilhado pelo grupo de pertença, que orienta as comunicações e guia os comportamentos dos atores sociais, neste estudo os idosos de grupos de convivências e ILPI's – Instituições de Longa Permanência para Idosos. O primeiro *locus* desta pesquisa são grupos mantidos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB, vinculado ao *Programa É Pra Viver*, que possui intervenção na prevenção e promoção em saúde; na Política Nacional e Estatuto do Idoso; como também desenvolvimento de atividades de lazer e entretenimento.

Já as ILPI's são espaços sociais que em sua maioria possui idosos que ao serem abandonados por seus familiares, passam a residirem nesta instituição de caráter asilar. São disponibilizados abrigo, alimentação, recreação (em sua minoria) e encaminhamento quando se faz necessário para cuidados médico-hospitalares. De acordo com Born (2002) o Brasil não esta pre-

parado para os problemas decorrentes do envelhecimento. Devido à inexistência de programas focalizados para idosos que habitam em instituições asilares, este fato prejudica a promoção em saúde para este contingente populacional. Tendo em vista a falta destes programas e a precariedade da rede de Assistência Social, verifica-se o encaminhamento freqüente de idosos para os asilos, transformando-se em 'depósitos de velhos'.

Denota-se que as instituições geriátricas surgem para atender a uma gama de necessidades sociais, de modo que para entender a dinâmica do funcionamento das mesmas, não se pode perder de vista o referencial psicossocial e econômico do espaço á qual está inserida. Assim, as instituições para velhos "*tem uma função social indiscutível, por vezes vital, na organização e no funcionamento da sociedade*" (Vieira, 2003, p. 23).

As instituições de Longa Permanência se por um lado desempenham seu papel de acolhedora dos velhos em processo de exclusão social, por outro lado suas normas internas contribuem para o afastamento dos problemas sociais externos, proporcionando um confinamento social, ficando os idosos restritos apenas a vida asilar, caracterizando-se como uma forma de ruptura dos elos que os ligavam à vida familiar e social (Alcântara, 2004; Herédia, Cortelletti e Casara, 2004).

A velhice no ambiente urbano tem se caracterizado como uma sobrecarga para a família, tendo como premissa para a não manutenção dos idosos nas famílias, devido algumas questões do tipo: limitação dos espaços físicos das residências e a oferta de atendimento contínuo as necessidades dos idosos. De modo que estes são colocados em abrigos, sem participação efetiva das relações afetivas e familiares. Sabe-se que em sua maioria os idosos não desejam vivenciar seu processo de envelhecimento nestas instituições (Santos, 1994; Bulla e Mediondo, 2004).

Ressalta-se que se compreende a velhice em suas análises e reflexões, a partir das relações sociais advindas do encontro das diferenças culturais intrínsecas aos Grupos de Convivências e ILPI's, que são historicamente e socialmente construídas, emergindo os mais diversos significados frente ao processo de envelhecimento humano.

Assim, será que há alguma diferença entre as representações sociais da velhice nestes grupos pesquisados? Pelo fato dos idosos das ILPI's conviverem em uma instituição asilar que não possibilita uma rede social ampliada, isto contribui para uma autoimagem negativa da velhice e da família? Já os idosos de grupos de convivência por residirem com seus familiares estes desenvolvem melhores estratégias de

enfrentamento da velhice? Estes questionamentos permitem a necessidade de realizar uma investigação, com intuito de compreender as diversas velhices existentes na vida em sociedade.

É válido mencionar a relevância social e acadêmica do presente trabalho, no que tange aos avanços dos estudos para melhor compreensão da velhice, tendo como pressuposto da teoria das Representações Sociais, de modo a permitir apreender as práticas sociais inerentes aos dois grupos de idosos participantes desta pesquisa. Ressalta-se que por estes idosos estarem vivenciando esta etapa do desenvolvimento humano, são elaboradas representações sociais da velhice, uma vez que é algo intrínseco ao seu grupo de pertença ou afiliação.

Faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que venham contribuir para uma melhor compreensão e elucidação dos aspectos biopsicossociais e culturais da velhice, principalmente sobre o prisma do aporte teórico das representações sociais, uma vez que esta teoria permite conhecer nas práticas sociais e comunicações dos atores envolvidos na pesquisa, neste estudo os idosos participantes de grupos de convivências e instituições de longa permanência, como eles elaboram e compartilham desses conhecimentos, utilizando-os como referência nas comunicações inter e intragrupos e de modelos de orientações comportamentais, afetivos e avaliativos no contexto social no qual encontram-se inseridos.

A história das representações sociais (RS) insere-se na inter-relação entre atores sociais, o fenômeno e o contexto que os rodeia. Dessa forma as representações sociais são constituídas por processos sociocognitivos nas interações sociais, o que significa dizer que elas têm implicações na vida cotidiana e, que a comunicação e os comportamentos adotados por um grupo de indivíduos acerca de um objeto, neste estudo (representações sociais da velhice) são resultantes do modo como os atores sociais representam socialmente esse objeto e do significado que este adquire em suas vidas.

Para Doise (1990), a utilização da teoria das representações sociais é bastante útil à medida que se lida com um marco conceitual que envolve tanto o nível intrapessoal de análise como o interpessoal e o intergrupar; desta forma, é possível partir das representações pessoais de objetos sociais, para um exame das cognições no nível grupal, que permitem ao pesquisador a apreensão dos aspectos compartilhados de uma representação. Esta visão coletiva em que a representação social é vista como um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano dos grupos sociais (Doise, 1990; Jodelet, 2001; Moscovici,

1984, 1988, 2003) é que será utilizada no desenvolvimento deste estudo, que vê a “*representação social compreendida como a elaboração de um objeto social pela comunidade com o propósito de conduzir-se e comunicar-se*” (Moscovici, 1984, p. 251).

Para Moscovici (1978) o objeto, seja ele humano, social, material ou uma idéia, será apreendido através da comunicação. Os elementos da realidade, os conceitos, as teorias e as práticas são submetidos a uma reconstrução a partir das informações colhidas e da bagagem histórica (social e pessoal) do sujeito. Assim sendo, as representações sociais tomam o objeto insignificante e tratam de explicar as características do pensamento social, diferenciando-o do pensamento individual.

Ainda segundo o pensamento de Moscovici, toda representação surge da necessidade de transformar o que é estranho, o que não é compreendido, em algo familiar; essa seria uma das funções principais da representação “domar o desconhecido”. Em geral, os grupos produzem representações, também como uma forma de filtração da informação que provém do ambiente com fins de amoldar o comportamento individual. É um tipo de manipulação do processo do pensamento e da estrutura da realidade.

O processo de construção de representações sociais da velhice processa-se nas trocas de conhecimentos populares e científicos, através de experiências grupais e sociais que se repetem ao longo da vivência dos indivíduos. Pesquisar as RS da velhice implica fazer uma leitura não só em relação aos aportes teóricos normativos e científicos, mas à luz do conhecimento cotidiano (senso comum) elaborado e compartilhado pelo grupo de pertença (Idosos de ILPI's e GCI's), procurando perceber como estas representações emergem, as relações que estabelecem entre si e em que medida uma determina a outra.

As representações sociais da velhice têm implicações na vida cotidiana, à medida que os comportamentos adotados por um indivíduo ou grupo de indivíduos acometidos da prática desta, são resultantes do modo como eles representam socialmente esta prática e do significado pessoal que esta adquire em suas vidas. Acredita-se que o estudo das representações sociais da velhice poderá contribuir para uma melhor compreensão desta e de seus significados com os quais os indivíduos estabelecem relações com uma velhice bem-sucedida.

Pode-se dizer que apesar dos componentes cognitivos que são inerentes as representações, no que tange ao processamento e acomodação dos fenômenos rerepresentados, ou seja, apresentado outra vez de acordo com a interpretação do ator social, cujos valores, crenças, sentimentos, estereótipos estão intrínse-

cos, o que nos leva a crer que este fenômeno não é só de base cognitiva, mas deve-se levar em consideração os diversos aspectos quais sejam: sócios, históricos e culturais, nos quais forma-se a representação.

Assim, o presente estudo objetivou estudar e comparar as representações sociais dos idosos participantes de grupos de convivência e instituições de longa permanência acerca da velhice. Bem como, identificar as representações sociais dos idosos em relação ao envelhecimento físico, psicológico e social.

MÉTODOS

Participantes

A amostra foi constituída de 100 idosos, de ambos os sexos (85% feminina e 15% masculina), participantes dos grupos de convivências (50) este é mantido pelo Programa É Pra Viver da Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB, que desenvolve além de atividades de lazer, atividades de promoção e prevenção à saúde do idoso. O outro grupo pesquisado são idosos de Instituições de Longa Permanência (50) em sua maioria de caráter filantrópico. Faz-se necessário mencionar que tal escolha deu-se com o intuito de comparar as representações acerca da velhice entre os grupos de convivências e de Instituições de Longa Permanência. A participação tinha como pré-requisito pertencer a grupos de idosos e possuir 60 ou mais anos, pois de acordo com dados da ONU (Organização das Nações Unidas) é considerado velho em países em desenvolvimento como o Brasil, a partir de 60 anos. Vale salientar que os participantes dispunham do livre arbítrio para participar ou não da presente pesquisa.

Instrumento

Utilizou-se como instrumento para coleta dos dados da pesquisa a técnica de Associação Livre de Palavras. Esta é uma técnica bastante difundida no âmbito da Psicologia Social, principalmente quando se trabalha com o suporte teórico das Representações Sociais (RS), uma vez que possibilita acesso aos conteúdos periféricos e latentes (Di Giacomo, 1981; Le Boudec, 1984; De Rosa, 1988; Nóbrega e Coutinho, 2003).

De acordo com Nóbrega e Coutinho (2003), essa técnica projetiva possibilita acesso aos conteúdos formadores de RS, sem que ocorra a filtragem da censura a sua evocação. Como também, é um instrumento que se apóia sobre um repertório conceitual, com isso, permite a unificação dos universos semânticos e a saliência de universos de palavras comuns face aos estímulos indutores utilizados na pesquisa.

Neste estudo foram utilizados três estímulos indutores: estímulo 1 - Velhice; 2 - Grupos da Terceira

Idade/Abrigo de Idosos e 3 - Família; previamente definidos tendo como pressuposto o objeto investigado e o estado atual da arte. É válido mencionar que na presente pesquisa devido à faixa etária pesquisada serem idosos com 60 anos e mais, levou-se em consideração a diminuição do tempo de raciocínio cognitivo presente no envelhecimento normal (senescência), conveniou-se como tempo máximo de 03 minutos para evocação das palavras associadas a cada estímulo indutor, perfilando algo em torno de 09 minutos por cada participante para responder o teste de associação livre de palavras.

Procedimentos

Inicialmente o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos do CCS (Centro de Ciências da Saúde) da UFPB, com o intuito de averiguar os parâmetros éticos, tendo como base a resolução nº 196/96, recebendo parecer de aprovação para realização da pesquisa, uma vez que sua operacionalização de acordo com o parecerista não traria nenhum dano à saúde física e/ou psíquica do participante. Posteriormente solicitou-se a autorização das coordenações dos GCI's e ILPI's objetivando a realização da pesquisa, bem como aos respectivos idosos participantes dos grupos pesquisados.

Em seguida houve apresentação dos pesquisadores aos grupos, no qual explicitou-se os objetivos da pesquisa, e posteriormente iniciou-se a aplicação do instrumento de forma individual devido as características dessa população.

Antes da aplicação dos três estímulos já mencionados, foi feita uma simulação utilizando um exemplo, com intuito de familiarizar o participante acerca da funcionalidade do instrumento. Em seguida foi apresentado o 1º estímulo indutor, seguindo a questão, "*o que lhe vem à mente (cabeça) quando digo a palavra velhice?*" Fale as primeiras palavras que para o Sr (a) lembra a velhice. O mesmo procedimento foi utilizado nos outros dois estímulos: (2 - Grupos da Terceira Idade/Abrigo de Idosos e 3 - Família).

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram processados pelo software Tri-Deux-Mots (Cibois, 1998) versão 2.2, que permite a visualização gráfica tanto das variáveis fixas (sexo, idade e grupos de convivência), bem como as variáveis de (opinião, crenças estereótipos, enfim, o conhecimento prático, enunciado pelos participantes frente aos estímulos indutores) e analisados através da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados na Figura 1 correspondem às Representações Sociais da Velhice apreendidas nos dois grupos de pesquisados: Idosos de Instituições de Longa Permanência e de Grupos de Convivência, nos quais encontram-se inseridos os atores sociais da presente investigação. Observa-se que as Representações sociais elaboradas pelos idosos estão organizadas no plano fatorial, tendo como pressuposto as palavras evocadas nos estímulos indutores (E1 - Velhice; E2 - Grupos da Terceira Idade/Abrigo de Idosos e E3 - Família) que se encontram interligadas em dois fatores F1 e F2.

O fator 1 (F1), na linha horizontal, em negrito, concerne ao fator majoritário de maior poder explicativo com 68% da variância total das respostas. Denota-se que os idosos GCI's contribuíram de forma significativa neste fator com 421 palavras evocadas. No que tange ao fator 2 (F2), na linha vertical, em *itálico*, possui 11% da variância total das respostas. Neste fator percebe-se que houve maior contribuição dos ido-

sos do gênero masculino na explicação deste fator, com 155 palavras evocadas. No que tange as idades os idosos que compreendem a faixa etária entre 66-70 contribuíram de forma majoritária para o fator 2, com 249 palavras evocadas. Na totalidade, os dois fatores têm poder explicativo de 79% de significância, portanto, possui parâmetros estatísticos com consistência interna e fidedignidade, tendo em vista pesquisas realizadas no âmbito das RS (Nóbrega & Coutinho, 2003; Coutinho, 2001; Araújo, 2004).

Na parte horizontal esquerda da Figura 1, encontra-se o campo semântico das R. S. da velhice (E1) elaborado pelos idosos das ILPI's. Denota-se que a velhice é representada como a fase do desenvolvimento humano marcado pelo "preconceito", pela busca da "Deus" para que se tenha uma velhice bem-sucedida, tendo em vista o surgimento de "doenças". Os idosos ainda enfatizaram que na velhice faz-se necessária "assistência e apoio" nos abrigos para idosos (E2), uma vez que muitos deles são "abandonados" e vivem na "solidão" nestas instituições pelo fato da "falta de família".

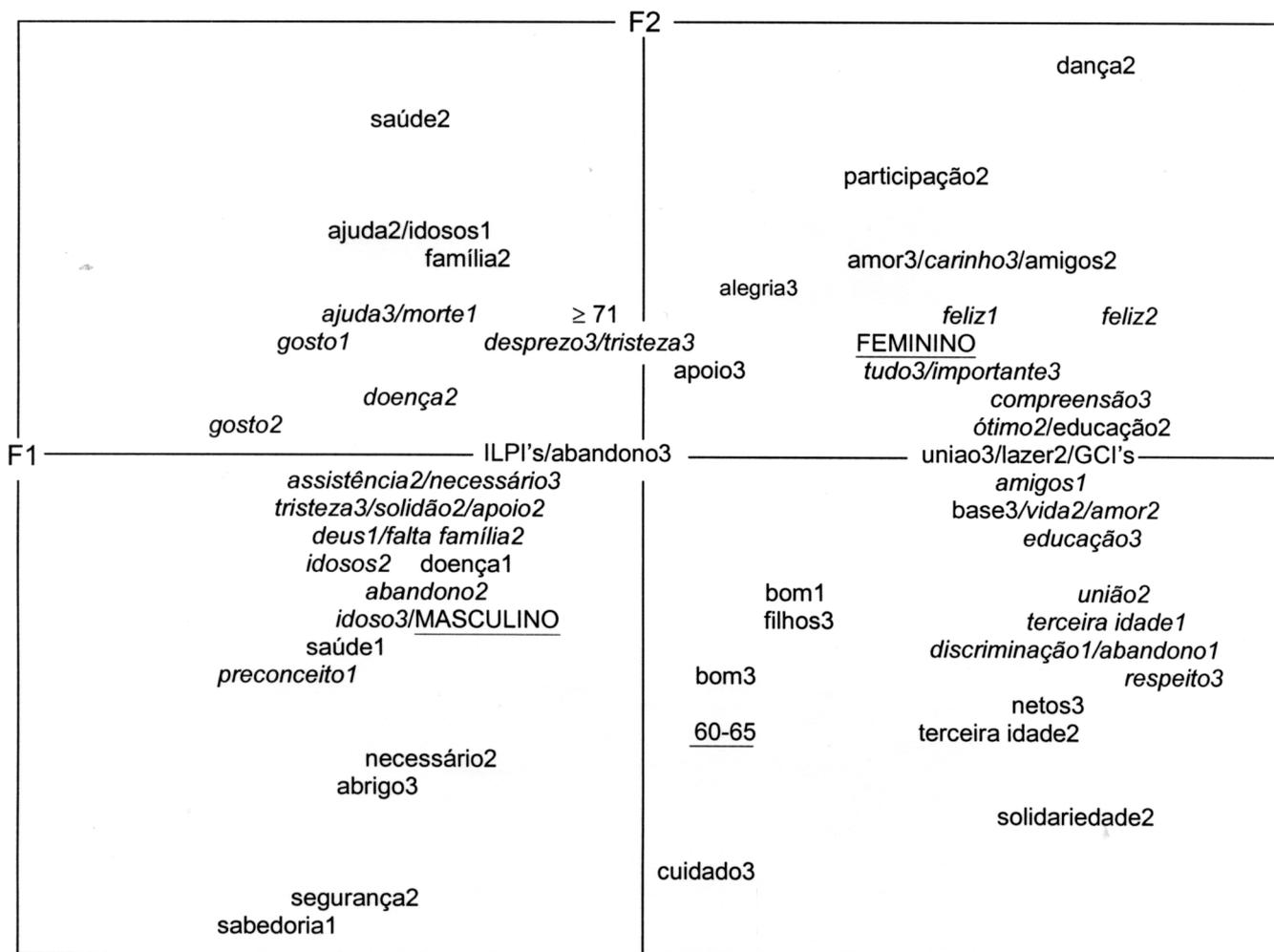


Figura 1 – Análise fatorial de correspondência das RS da velhice.

No que concerne à Família (E3), os idosos desse grupo mencionaram atitudes por parte dos familiares de “abandono”, provocando muita “tristeza”. No entanto, apesar de tudo, é família “necessária” para o bem-estar na velhice. É válido mencionar que especificamente este estímulo, foi presenciado pelo pesquisador momentos de indignação e choros pelos idosos das ILPI’s, que questionavam o verdadeiro papel da família em suas vidas, posto que muitos deles dedicaram-se parte do seu tempo para seus familiares, mas quando na velhice não recebem o tratamento digno de respeito.

A partir dos dados anteriormente apresentados pode-se inferir a questão que os idosos das ILPI’s, representaram a velhice como busca da saúde, denota-se que esta é uma prática entre os idosos que, comumente, se queixam de problemas relacionados à saúde, sendo por diversas vezes associada ao binômio velhice-doença, fato também verificado em outras pesquisas (Araújo e Carvalho, 2004; Veloz, 1999, 2001; Eiras, 2001).

É válido mencionar que o aparecimento de doenças não é algo intrínseco à velhice, no entanto, devido ao envelhecimento fisiológico pode vir acompanhado de patologias crônicas e degenerativas. No que tange as atitudes preconceituosas frente à velhice salientada pelos idosos, isto é algo presente na sociedade contemporânea que valoriza o corpo jovem e, sobretudo, a força de trabalho e de consumo (Debert, 1999).

Pode-se verificar ainda no fator 1 à direita, as representações compartilhadas pelos grupos de convivências de idosos (GCI’s), que objetivaram a velhice (E1) como momento de fazer novos “amigos”, que para eles não existe velhice, esta fase é a “Terceira Idade”. É válido ressaltar que semelhante aos idosos da ILPI’s estes também mencionaram que os idosos são “abandonados” por seus familiares. Quanto aos grupos da terceira idade (E2) os idosos apontaram o “amor” que se faz presente nestes espaços de convivência, o que facilita as relações intragrupo. É válido mencionar o destaque para “lazer”, atividade realizada no âmbito dos grupos de idosos, possibilitando bem-estar que é “ótimo” nesta fase da vida destes atores sociais. A “educação” em saúde foi destacada pelos idosos, posto que são informações importantes para que os mesmos possam prevenir e conviver melhor com sua saúde. No que diz respeito à Família (E3) os GCI’s mencionaram que a “compreensão” familiar é salutar, no sentido de possibilitar “união” na família do idoso, repercutindo em melhores formas de enfrentamento da velhice.

Verifica-se também que os idosos objetivaram os grupos de convivências como *locus* de realização de lazer e entretenimento, com atividades que priorizam

a afetividade e a socialização intragrupo. Denota-se a importância que estes grupos tem desempenhado ações de forma positiva que contribuem para o envelhecimento ativo e bem-sucedido (Araújo, 2004; Costa, 2001).

No fator 2, na parte vertical inferior, em itálico, denota-se o campo semântico elaborado pelos idosos dos dois grupos, que compreende a faixa etária de 60 a 65 anos, que representam a velhice (E1) como a fase do desenvolvimento que é “bom”, mas de forma antagônica também marcada pela “discriminação” e “abandono”. No que concerne aos grupos da terceira idade/abrigo de idosos (E2), os idosos objetivaram como espaço para “terceira idade”. No que tange à Família (E3), os idosos de 60-65 apontaram que os “netos” e “filhos” são necessários e importantes no que diz respeito à construção familiar, bem como nas relações intergeracionais e os “cuidados” nas relações entre as pessoas na vida cotidiana.

Percebe-se na parte superior do Fator 2 que os idosos do sexo feminino obtiveram uma contribuição bastante significativa para explicação do Fator 2, tendo objetivado a velhice (E1) com momento “feliz” inerente a este período da vida. No que tange aos grupos da terceira idade/abrigo de idosos (E2), as idosas enfatizaram que há nestes espaços para “dança” como atividade de lazer entre os participantes, de modo que é de fundamental importância a “participação” dos idosos, com o intuito de fazer novos “amigos” para ampliar a rede social que possibilite melhor enfrentamento da velhice.

Denota-se, com isso, uma participação bastante significativa da população feminina nos grupos de convivência e Instituições de Longa Permanência, de modo que a participação masculina não é muito significativa. Não obstante, este fenômeno levanta alguns questionamentos no que diz respeito à não presença de idosos (homens), sobretudo, nos GCI’s espaço para atividades de lazer e valorização da cidadania do idoso. É provável que isto se deva pelo fato da mulher ser mais participativa e preocupar-se com as questões relacionadas ao bem-estar, de um modo geral. Há, também, possivelmente o viés cultural, posto que atividades desta natureza fariam parte do repertório social feminino, portanto, os homens participariam de atividades como: jogos, conversas informais, dentre outros.

Já os idosos de ambos os grupos do gênero masculino objetivaram a velhice como sinônimo de “doença” e também marcada pelo “preconceito”, sendo uma constante busca pela “saúde”. No que se refere ao estímulo 2 os idosos ainda mencionaram que são “necessárias” e pela “segurança” destas instituições que possibilitam aos participantes melhores condições de vida na velhice. No que tange ao estímulo 3-Família estes

objetivaram como sendo seu núcleo familiar os “idosos” que residem nos “abrigos”.

Um dado anteriormente apresentado merece destaque, refere-se ao fato dos idosos referendarem os abrigos como parte integrante do seu núcleo familiar, isto, provavelmente, deve-se ao fato destes em sua maioria terem sido abandonados por seus parentes congêntos, de modo que o seio da família desses idosos, são as pessoas que com que convivem nas instituições de longa permanência (Alcântara, 2004; Herédia, Cortelletti e Casara, 2004; Vieira, 2003).

Em síntese, é pertinente salientar que dos dados apreendidos no teste de associação livre de palavras, emergiram um conhecimento do senso comum acerca da velhice pautado no sinônimo de doença, como também em uma auto-imagem negativa do seu processo de envelhecimento, sendo esta majoritária entre os idosos, sobretudo, das ILPI's. Faz-se necessário mencionar ainda que estes idosos objetivaram as instituições que os mesmos residem como lugar que predomina a solidão e a tristeza, apesar da assistência e apoio que são disponibilizados aos idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho versou sobre as representações sociais da velhice, de forma comparativa entre idosos participantes de instituições de longa permanência e grupos de convivências. Os dados apreendidos entre os idosos possibilitaram representações consensuais e particularidade de acordo com a sua inserção psicoafetiva e sociocultural.

Os dados obtidos revelaram que os idosos participantes deste trabalho objetivaram suas representações sociais da velhice numa conotação negativa, e comumente associada ao binômio velhice-doença. Verificou-se também que, ambos os grupos vivenciam seu processo de envelhecimento em pólos antagônicos, se por um lado os idosos de grupos de convivências participam de atividades que envolvem aspectos socio-recreativos e de elucidacões concernentes à promoção em saúde. Em outro pólo os idosos de instituições de longa permanência vivenciam seu processo de envelhecimento num total confinamento socioafetivo devido à institucionalização da velhice.

Contudo, as ILPI's apesar de possibilitar tal confinamento, por outro lado se torna não apenas uma escolha do velho, mas muitas vezes a única ‘alternativa’ viável para preservar mecanismos de sobrevivência, diante das dificuldades socioeconômicos, afetivos e familiares.

Dessa forma, o apoio social e familiar é algo necessário e importante para uma velhice bem-sucedida.

Pôde-se apreender em ambos os grupos que os laços familiares são desejosos pelos velhos, no entanto, a insatisfação é generalizada no que tange aos cuidados básicos por parte dos familiares para com os velhos. De modo que por diversas vezes a institucionalização é o caminho mais fácil encontrado entre os familiares para não corresponder com a atenção e solidariedade na velhice.

O fato dos idosos das ILPI's perceberem a ausência constante dos seus familiares congêntos verificou-se que os mesmos consideram a comunidade asilar sendo representante da reconstrução da sua base familiar e dos laços socioafetivos.

Denota-se por outro lado, a importância institucional que os grupos de convivências tem na velhice, caracterizando-se como um espaço por excelência, onde as práticas sociais desenvolvidas contribuem para que os idosos exerçam seus papéis de cidadãos, local onde eles utilizam suas potencialidades, onde tem sempre alguém que os escute, propicia a efetivação de laços de amizade e momentos de lazer, contribui também para o restabelecimento da auto-imagem positiva, uma vez que, em geral o contexto familiar não favorece a utilização das potencialidades dos idosos.

Em síntese, as representações sociais da velhice que transita em ambas instituições para velhos são permeadas por fatores relacionados à visão sociocultural e ideológica que na sociedade atual representa a velhice e o processo de envelhecimento, cujas crenças, atitudes, símbolos contribuem de forma preponderante na elaboração do campo representacional deste constructo psicossocial.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, A. O. (2004). *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Alínea: Campinas.
- Araújo, L. F. (2004). *Velhice e instituições geriátricas: um estudo das representações sociais*. [Monografia de Especialização em Gerontologia, não-publicada], Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Araújo, L. F. & Carvalho, V. A. M. (2004). Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivências. *Textos sobre Envelhecimento*, 1, 6, 10-22.
- Born, T. (2002). *Asilo de idosos: a estação final de uma trajetória marcada por indignidades!* [On line] <http://www.pucsp.br/portaldoenvelhecimento/retratos/tomiko.htm> (Acessado em 11/08/2004).
- Bulla, L. C. & Mediondo, Z. M. (2004). Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In I. A. Cortelletti, M. B. Casara & V. B. M. Herédia (Orgs.). *Idoso asilado: um estudo gerontológico* (pp. 87-77), Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Cibois, Philip. (1998). *L'analyse factorielle*. Paris: PUF, Collection “Que sais-je?”.
- Coutinho, M. P.L. (2001). *Depressão infantil: uma abordagem psicossocial*. João Pessoa: EdUFPB.

- Costa, F. G. (2001). *Representação social da velhice em idosos participantes de instituição para terceira idade*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, não-publicada], Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Coutinho, M. P. L. (2001). *Depressão infantil: uma abordagem psicossocial*. João Pessoa: EdUFPB.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice*. São Paulo: FAPESP.
- De Rosa, A. S. (1988). Sur l'usage des associations libres dans l'étude des représentations sociales de la maladie mentale. *Connexions*, Rome: Université de Rome, 51.
- Di Giacomo, J. P. (1981). Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1, 1, 397-422.
- Doise, W. (1990). Les représentations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet & J. F. Richard (Eds.). *Traité de Psychologie Cognitive*, 3, 190-198.
- Eiras, N. (2001). Perspectiva psicológica da questão da velhice em mulheres. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1-3, 46, 124-137.
- Heredia, V. B. M., Cortelletti, I. A. & Casara, M. B. (2004). Institucionalização do Idoso: identidade e realidade. In I. A. Cortelletti, M. B. Casara & V. B. M. Herédia (Orgs.). *Idoso asilado: um estudo gerontológico* (pp. 13-60), Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Le Boudec, G. (1984). Contribution à la méthodologie d'étude des représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 4, 245-272.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie sociale*. Paris: Press Universitaire de France-PUF.
- Moscovici, S. (1988). Représentation sociales. In W. Doise & A. Palmonari (Eds.). *L'étude des représentations sociales* (pp. 90-109). Neuchâtel: Delachaux Niestlé.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Neri, A. L. (2002). Teorias psicológicas do envelhecimento. In E. V. Freitas & Cols. (Orgs.) *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 32-45). Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan.
- Nóbrega, S. M. & Coutinho, M. P. L. (2003). O teste de Associação Livre de Palavras. In M. P. L. Coutinho et al. (Orgs.). *Representações sociais: abordagem interdisciplinar* (pp. 67-77), João Pessoa: EdUFPB.
- OMS (2002). *Salud e envejecimiento: un documento para del debate*. Madrid: OMS.
- Santos, M. F. S. (1994). Velhice: uma questão psicossocial. *Temas de Psicologia*, 2, 123-131.
- Veloz, M. C. T. (1999). *Velhice: perdas ou ganhos?* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, não-publicada], Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Veloz, M. C. T. (2001). *Representações sociais sobre a saúde-doença na velhice: um diagnóstico psicossocial na rede básica de saúde*. [Tese de Doutorado em Enfermagem, não-publicada], Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Vieira, E. B. (2003). *Instituições geriátricas: avanço ou retrocesso*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Revinter.

Recebido em: 04/02/2005. Aceito em: 16/06/2005.

Autores:

Ludgleydson Fernandes de Araújo – Psicólogo, Mestrando em Psicologia Social/Especialista em Gerontologia/Pesquisador do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Prevenção e Saúde Coletiva/Universidade Federal da Paraíba. (ludgleydson@ig.com.br).
 Maria da Penha de Lima Coutinho – Professora Doutora Adjunto IV do Departamento de Psicologia, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Prevenção e Saúde Coletiva – UFPB. (penhalcoutinho@bol.com.br).
 Ana Alayde Werba Saldanha – Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Prevenção e Saúde Coletiva – UFPB. (analayde@yd.com.br).

Endereço para correspondência:

LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO
 Rua Antônio Leopoldo Batista, 172, Apto. 306 – Bairro dos Bancários
 CEP 58051-110, João Pessoa, PB, Brasil
 Fone: (83) 255-0536; 216-7006 e 216-7675
 E-mail: ludgleydson@ig.com.br